



**COMISSÃO EPISCOPAL DE JUSTIÇA E  
PAZ - MOÇAMBIQUE**

Rua da Resistência, 1175 | Caixa Postal 656 | 06100 Maputo

Telefone: 00258 21419933/4 | Fax: 00258 21419578

E-mail: [secretariado.cejp@jupax.org](mailto:secretariado.cejp@jupax.org)

**REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA MELHOR A  
PARTIR DA *FRATELLI TUTTI***



## INTRODUÇÃO

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a Fraternidade e a Amizade Social é o mais recente documento social do Magistério do Papa Francisco, publicado em Outubro de 2020. Parte de uma verdade muitas vezes esquecida: todos somos membros da mesma família humana; somos irmãos. No mundo actual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade. Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. É o ideal que estamos chamados a viver. Todos somos chamados a construir a fraternidade e a amizade social, a sermos irmãos. A fraternidade, e não apenas a solidariedade, é a única e verdadeira alternativa para a salvação do mundo em que vivemos.

No quinto capítulo da encíclica, o Papa Francisco oferece uma reflexão sobre a política melhor: aquela que poderá levar-nos a consolidar valores que nos unem como verdadeiros irmãos. Este pequeno subsídio pretende aprofundar alguns aspectos deste quinto capítulo e extrair algumas reflexões para o nosso contexto moçambicano.

## 1. A *FRATELLI TUTTI*: O DOCUMENTO

### A sua estrutura interna

O texto tem uma estrutura muito simples. Possui uma introdução e oito capítulos, a saber: (I) as sombras de um mundo fechado: o Papa aponta os vários cenários sintomáticos de um mundo cheio de fronteiras (cada um por si); (II) um estranho no caminho: o Papa traz a imagem do Bom Samaritano que cuida do mundo decaído; (III) pensar e gerar um mundo aberto: o Papa desafia-nos a termos uma outra forma de pensar e de ser, animados por um amor fraterno na sua dimensão universal, numa visão aberta e inclusiva; (IV) um coração aberto ao mundo inteiro: o Papa convida-nos a ter um coração capaz de criar uma fraternidade além-fronteiras; (V) a política melhor: tendo em vista o bem comum, o Papa convida-nos à mística política, à espiritualidade da fraternidade, ao amor social; (VI) diálogo e amizade social: o Papa desafia-nos a construir uma cultura do encontro de diferenças, através do diálogo social autêntico; (VII) percursos de um novo encontro: o Papa desafia-nos a buscar a reconciliação que não foge do conflito, mas ultrapassa-o pelo diálogo e pelo perdão, tendo em mente a nossa história; (VIII) as religiões ao serviço da fraternidade no mundo: o Papa apela a todas as religiões a estarem ao serviço da caridade e desafia os cristãos a terem um comprometimento maior.

### O seu conteúdo geral: todos irmãos

Para falar da fraternidade e da amizade social, o Papa



Francisco se inspira em São Francisco de Assis, que, na sua humildade e simplicidade, se sentia irmão de toda criatura. Se na *Laudato Si'*, todos éramos chamados a cuidar da casa comum, na *Fratelli Tutti*, todos somos chamados a construir a fraternidade e a cuidar da amizade social. Esse cuidado estava marcado, em São Francisco, por um sentimento de acolhimento e “submissão” humilde e fraterna, livre do desejo de domínio sobre os outros, pronto para a escuta atenta e o diálogo no respeito da diversidade. Com esta Encíclica, o Papa pretende levar-nos a sonhar com uma única humanidade, onde todos nos sintamos um só (n. 6).

De facto, Francisco apresenta algumas tendências do mundo actual que dificultam o desenvolvimento desta fraternidade universal. Estamos num mundo massificado que privilegia os interesses individuais, isola as pessoas e debilita a dimensão comunitária da existência colocando-nos todos contra todos (cf. nn. 12 e 16). Não se verifica na prática que a luta pelos interesses individuais possam gerar um mundo melhor para toda a humanidade (n. 105), mas o que acaba destruído é o próprio projecto de fraternidade, inscrito na vocação da família humana (n. 26). Precisamos de nos constituirmos, diz o Papa, como um «nós» que habita a casa comum (n. 17).

## **2. A *FRATELLI TUTTI* E A POLÍTICA MELHOR**

No quinto capítulo, o Papa fala da política melhor. Mas o que ela é? É a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum (n. 152). É conhecida a frase

tantas vezes por ele repetida *“a política é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum”* (n. 180). E o que é o bem comum? É o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição (CDSI, 164). Como se pode ver, o bem comum é mais do que infraestruturas públicas ou geração de riquezas. Podemos contar com todas as melhores instituições e fontes de riqueza, mas, se falta a fraternidade e amizade social, somos *“como bronze que soa ou como címbalo que tine”* em palavras do Apóstolo São Paulo (1Cor 13, 1).

No documento, o Papa chama atenção a duas “ideologias” políticas que dificultam o caminho para um mundo aberto, inclusivo, fraterno: o populismo e o liberalismo. Ambas instrumentalizam o povo e se servem do povo para interesses particulares (seja do partido, seja de indivíduos). Por isso, é necessária uma política que torne possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social (n. 153).

A política melhor é a política para o povo e com o povo, caracterizada pelo amor fraterno e pela caridade social. Necessitamos de uma política que ponha no centro a dignidade humana e, sobre este pilar, construa estruturas sociais alternativas que funcionem efectivamente (n. 168). O Papa lamenta a submissão da política à economia e a economia marcada e submetida ao paradigma tecnocrático. Para o Papa, é a política que deve oferecer

a visão, a direcção para que a economia seja parte de um projecto político, social, cultural e popular que leva todos a servir o bem comum (cf. n. 177). Tal economia favorece a diversidade produtiva e a criatividade empresarial. É, portanto, uma economia centrada nas pessoas.

Esta política torna possível a construção de sociedades pluralistas onde os consensos não são apenas ocasionais, mas são afirmados em tudo o que toca o bem comum (cf. n. 211). A boa política cultiva o diálogo e a cultura do encontro. *“O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos”* (n. 203).

O Papa Francisco convida-nos a buscar uma ordem social e política cuja alma seja a *caridade social*, uma caridade que, sendo a plenitude e a síntese de toda a lei (cf. Mt 22, 36-40), permite avançar para uma civilização de amor, que reconhece todo ser humano como irmão e irmã, e que se ancora na verdade, na razão e na fé. Tal caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas na dimensão social que as une (cf. nn.

180-185). Por isso, a política melhor exige que haja trabalho sério na educação, desenvolvimento de hábitos solidários que transformam o estado actual das coisas rumo ao tipo de mudanças requeridas, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual (desenvolver uma mística política e uma mística da fraternidade). Estas e mais acções são

necessárias para dar qualidade às relações humanas (n. 167).

Assim é importante também que se pense na inclusão de todos os movimentos e associações da Sociedade Civil que, não sendo manipulados por ideologias dominantes e desviantes do bem comum, possam servir de uma verdadeira força de pressão que anima as acções do Governo e de outras forças tendo sempre em perspectiva o bem e o destino comuns (cf. n. 169).

### **3. A POLÍTICA MELHOR NA VIDA DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**

A Assembleia da República, “Casa do Povo”, representa a diversidade ideológica, partidária, confessional, cultural, social do País. Este documento pode animar, apoiar, estimular na construção de uma comunidade humana aberta, inclusiva, diversa na Assembleia e em todo o País aí representado.

Certamente a construção da fraternidade é um processo lento e laborioso. O que conta é gerar *processos* de encontro; ir criando uma cultura de diálogo, processos que possam construir um povo capaz de acolher as diferenças. Isto implica o hábito de reconhecer o outro por aquilo que ele é e não pela cor partidária; reconhecer o direito de ser ele próprio e de ser diferente. A partir deste reconhecimento feito cultura, torna-se possível a criação dum pacto social e advém como fruto e dom, a amizade e a paz social.